

Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 21, Apocalíptico 2, Lexical

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Dissemos que um dos traços característicos da literatura apocalíptica, mas especialmente do Livro do Apocalipse, é que ela se comunica simbolicamente. Sim, refere-se a eventos e pessoas reais na história, e também no futuro, quando Deus retornar para encerrar a história, mas não os descreve literalmente, mas os descreve por meio de comunicação simbólica e de linguagem metafórica. E assim, é preciso ser capaz de compreender a forma como o Apocalipse se comunica através do simbolismo.

Uma maneira talvez muito simplista de colocar isso, mas uma maneira de entender o Apocalipse e os símbolos é, em primeiro lugar, observar o símbolo em si e seus contornos e como ele é representado. A segunda, porém, é compreender o significado desse símbolo. O que significa esse símbolo? O que é comunicado por ele? Qual é o significado do símbolo em si? E finalmente, terceiro, entender a que o símbolo se refere.

A que pessoa ou evento, historicamente, o símbolo se refere? Por exemplo, em Apocalipse, encontramos inúmeras referências a uma besta. A besta é descrita como tendo sete cabeças. Tem chifres.

É retratado como sendo da cor vermelha. Então esse é o símbolo. É isso que João vê.

O próximo passo é perguntar: qual pode ser o significado do símbolo? Que significados são comunicados por isso? Uma besta, uma besta de sete cabeças, geralmente está associada a coisas como mal, caos e destruição. Esse seria o significado transmitido por esse símbolo. E então podemos ir mais longe e perguntar: a que se refere esse símbolo? O que significa o símbolo da besta que comunica a

destruição, o mal e o caos, a que se refere? Ou a quem se refere? Muito provavelmente, se eu for um leitor do primeiro século lendo o livro do Apocalipse, irei identificá-lo como o Império Romano, ou talvez o imperador que está atualmente sentado no trono.

Ou para dar outro exemplo que já vimos, em Apocalipse capítulo 9, vimos esta descrição destes gafanhotos. O símbolo é o gafanhoto, que é descrito como tendo coroas na cabeça. Tem cabeça de ser humano, rosto de homem, cabelo de mulher, dentes de leão.

Tem uma cauda como a de um escorpião. Pode arder e causar sofrimento e danos. O significado disso é: qual é o significado do gafanhoto, o símbolo do gafanhoto? Sugere ideias de carnificina, destruição e danos generalizados.

Sugere poder, força e poder. Mas então, quando perguntamos, a que provavelmente se refere? Parece haver indicações, na minha opinião, no capítulo 9 de Apocalipse, de que o gafanhoto simboliza ou se refere a seres demoníacos. O fato de saírem do abismo, que muitas vezes no Apocalipse é o lugar de seres demoníacos e satânicos, provavelmente os gafanhotos se referem a seres demoníacos.

Um último exemplo: e as duas testemunhas em Apocalipse capítulo 11?

Encontramos esta descrição de dois homens que funcionam como testemunhas. Da sua boca sai fogo para devorar aqueles que se opõem a eles. No entanto, eles próprios são mortos no final do capítulo 11, ou no final da narrativa das duas testemunhas nesta seção do capítulo 11.

Mas eles são criados no final. Qual é o significado destes dois símbolos, o símbolo destas duas testemunhas? Provavelmente indica o significado do testemunho e da verdade, do testemunho da verdade, especialmente diante do conflito. A que se

referem as duas testemunhas? Provavelmente referem-se à igreja, a toda a igreja, que funciona como testemunha, mesmo face ao conflito com o Império Romano.

Então, esses são exemplos de como os símbolos podem funcionar, isto é, descrevendo o símbolo em si, o que é o símbolo, em segundo lugar, o que significa, que conotações o símbolo parece ter. E finalmente, a que o símbolo pode se referir. Às vezes, o terceiro, ao qual o símbolo se refere, pode ser um pouco mais complicado .

Para falar um pouco mais brevemente sobre símbolos, também acho que precisamos perceber que até mesmo os números do Apocalipse têm valor simbólico. Ou seja, os números não existem pela informação matemática que comunicam, ou pela informação temporal que os números comunicam, sejam três anos e meio, ou 42 meses, ou mil anos. Esses números existem não tanto pela informação matemática ou temporal que comunicam, mas sim pelos valores simbólicos, pela informação simbólica que comunicam.

Para começar com um número bastante fácil, um dos números onipresentes no Apocalipse é o número sete. Sete, como a maioria das pessoas reconhece e consegue identificar, sete indica perfeição ou completude. Então você tem, por exemplo, sete selos, o ciclo de sete selos e sete trombetas e sete taças, não estão lá tanto para indicar um número literal de apenas sete pragas com os selos, trombetas e taças, mas o número sete indica o julgamento completo de Deus sobre o mundo.

Ou outro, o número doze. O número doze ocorre no Apocalipse como o número doze, ou às vezes em múltiplos, como 144 é doze vezes doze, ou 144.000, um número que você vê ocorrendo algumas vezes, seria doze vezes doze vezes mil, um número que indica grandeza. , ou uma grande quantia, ou conclusão novamente. O número doze é significativo porque é o número do povo de Deus, modelado a partir

das doze tribos, ou dos doze apóstolos, de modo que quando você encontrar, por exemplo, o número 144.000 provavelmente se refere ao número completo do povo de Deus.

Ou as dimensões da Nova Jerusalém em Apocalipse 21 são frequentemente vistas, são retratadas como múltiplos de doze, 144 côvados, ou algo parecido, ou 12.000. Assim, tudo na Nova Jerusalém é modelado no número doze. Novamente, o número doze, símbolo do povo de Deus.

Portanto, doze não existe tanto por causa do valor matemático quanto pelo significado simbólico que ele comunica. Comunica o povo de Deus em sua conclusão. Três anos e meio, você encontra esse número diversas vezes, principalmente nos capítulos 11, 12, 13, no centro do livro você encontra três anos e meio mencionados algumas vezes.

Provavelmente três anos e meio estão aí, mais uma vez, para não indicar um tempo temporal literal. Três anos e meio de 365 dias cada, e depois meio ano sendo metade disso. Portanto, a ideia não é um período de tempo literal, mas sim três anos e meio, provavelmente simboliza a ideia de um período de tempo curto e intenso, mas que é interrompido.

Então você tem um primeiro ano número um, ano número dois, ano número três, mas depois meio ano. Fica cortado. As coisas começam a rolar e de repente chegam ao fim.

É também metade do número sete, o que mais uma vez sugeriria algo que está aquém da conclusão. Portanto, a ideia de três anos e meio não é retratar tanto um período de tempo literal, mas retratar o tempo de existência da igreja. É um momento de intensidade, de intensa perseguição e oposição, mas não vai durar.

Será cortado e encurtado. E, na verdade, eu também diria que as menções de três anos e meio não devem ser somadas em sete, mas as menções de três anos e meio ou 42 meses ou 1260 dias, você encontra todas essas designações em Apocalipse, todas referem-se ao mesmo período de tempo. Começando no primeiro século até à segunda vinda de Cristo, a existência da igreja será por vezes turbulenta, um tempo de intensa oposição e conflito com os impérios do mundo, mas não durará.

Será abreviado quando Deus voltar para julgar a humanidade má e para vindicar e recompensar o seu povo fiel. Então, finalmente, o mil, o número mil, novamente provavelmente não está lá pelo seu valor matemático, nem num texto como Apocalipse 20, é a informação temporal que comunica. Mas em vez disso, no capítulo 20, em vez de se referir necessariamente a um período literal de mil anos de 360 dias ou mais, em vez de mil, novamente, acho que comunica a ideia de completude ou de um período de tempo completo ou perfeito e não tanto uma designação temporal literal específica.

E assim mesmo os números, eu sugeriria, deveriam ser vistos simbolicamente pela informação simbólica que transmitem, e não devem ser tomados literalmente pelo seu valor matemático ou temporal. Na verdade, eu sugeriria interpretar o Apocalipse simbolicamente, em vez de literalmente, está de acordo com a forma como o próprio Jesus interpreta dois dos símbolos no capítulo um do Apocalipse. É quase como se o capítulo um de Apocalipse, de certa forma, nos apresentasse ou nos definisse como deveríamos ler o resto do livro.

No capítulo um de Apocalipse, João tem uma visão, a visão do Filho do Homem segurando um candelabro, e o autor, o próprio Jesus, comissiona João bem no final do capítulo, nos versículos 19 e 20, Jesus comissiona João e Jesus ele mesmo interpreta duas das imagens do capítulo um. Novamente, João tem esta visão do

Filho do Homem, e ele está segurando um castiçal, e agora o próprio Jesus interpreta isso. No versículo 20, ele diz, o mistério das sete estrelas, que é uma das outras características da visão de João.

Ele vê o Filho do Homem, ele vê sete estrelas, e os sete candelabros de ouro, e agora Jesus diz, o mistério das sete estrelas que você viu na minha mão direita e dos sete candelabros de ouro é este, as sete estrelas são os anjos de as sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas. Então você vê como Jesus entendeu que as sete estrelas não são estrelas literais, mas elas simbolizam, as estrelas que João viu simbolizam sete anjos que pertencem às sete igrejas, e os sete castiçais que ele viu em sua visão não se referem a sete lâmpadas literais, mas simbolizam e referem-se à igreja. Portanto, presumo que, novamente, a menos que haja uma razão realmente convincente para não fazê-lo, é que tudo no Apocalipse deve ser interpretado simbolicamente, não literalmente.

Novamente, isso não significa que o Apocalipse não se refira a eventos, pessoas e lugares reais; ele o faz, mas os descreve simbolicamente, e não literalmente. A outra característica do simbolismo, só para mencionar de passagem, é que grande parte da linguagem de João vem do Antigo Testamento. Numa sessão posterior, falaremos sobre o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, o uso que os autores do Novo Testamento fazem dos textos do Antigo Testamento, e discutiremos alguns exemplos do Apocalipse, mas muitas das imagens de João, muito do simbolismo que ele pega, sai do Antigo Testamento.

Portanto, a linguagem de João, incluindo os números, deveria ser interpretada simbolicamente, e não literalmente. O segundo princípio, penso eu, que é importante na interpretação do Apocalipse, é compreendê-lo à luz do seu contexto histórico original, isto é, da forma como qualquer outro livro do Novo Testamento seria tratado. O Apocalipse foi escrito em resposta e durante uma época de

dominação imperial, ou seja, o Império Romano governava o mundo daquela época, e Roma também era vista, embora Roma fosse vista como responsável pelo bem-estar de seus súditos e do Império, tudo o que viveram deviam a Roma.

Alguns de vós já ouviram falar da conhecida Pax Romana, do facto de que a paz de Roma, Roma, trouxe a paz a todo o domínio greco-romano. Mas, além disso, no contexto do domínio romano, Roma trabalhava com uma relação complexa, defendia uma relação complexa entre política, economia e religião. Os três estavam complexamente interligados, muito ao contrário de algumas das nossas sociedades atuais, onde religião e política ou religião e sociedade são mantidas separadas.

Naquela época, o sistema económico de Roma, o seu sistema político e o seu sistema religioso estariam intimamente interligados. Você não poderia participar de um sem participar do outro. De modo que os cristãos de então eram frequentemente tentados a, ao envolverem-se na vida política, social e económica de Roma, correrem o risco de também se comprometerem com a idolatria religiosa do Império Romano, através não só da sua adoração de deuses pagãos, mas também de adoração do próprio imperador .

Parte do sistema religioso de Roma envolvia a adoração do Imperador como aquele que era responsável pelo seu bem-estar e por todas as coisas que o Império Romano fazia pelos seus súditos. Portanto, se você fosse cristão no primeiro século, ao participar da vida política e económica de Roma, muitas vezes exigia também a participação no sistema religioso de Roma. Que o autor do Apocalipse vê como idólatra, envolvendo alguém na adoração de divindades e deuses pagãos, e até mesmo na adoração do próprio Imperador .

O que então envolveria o cristão em compromisso. Comprometer a adoração exclusiva que pertence somente a Deus e a Jesus Cristo. Então João escreve para abordar esta situação.

Novamente, você pode ver que para os cristãos existem algumas respostas possíveis. Os cristãos poderiam optar por opor-se, resistir e recusar-se a participar em certas práticas religiosas idólatras e, portanto, talvez sofrer as consequências. Isto é opressão económica ou perseguição sob a forma de opressão e problemas, geralmente causados a nível local.

A maior parte da perseguição neste momento não teria vindo necessariamente do topo, do próprio Imperador, mas grande parte teria vindo das elites locais e dos governantes locais nas diferentes comunidades, ansiosos por obter o favor de Roma e manter o bom relacionamento. termos com Roma. São eles que teriam visto a recusa dos cristãos em participar como uma demonstração de ingratidão e até de rebelião contra Roma e o seu sistema político, económico e religioso. Caso contrário, muitos cristãos poderiam escolher comprometer-se e pensar que de alguma forma poderiam justificar a inclusão e a participação no sistema romano, e até mesmo no seu sistema idólatra, e ainda assim manter a sua lealdade a Jesus Cristo.

Portanto, Apocalipse é uma resposta a essa situação, onde João deve dirigir-se àqueles, e talvez confortar aqueles, que estão sofrendo opressão e perseguição por causa de sua fidelidade a Jesus Cristo. Mas também para alertar e abordar aqueles que correm o risco de se comprometer. É interessante que quando você lê as sete cartas nos capítulos dois e três, as sete mensagens às sete igrejas às quais João se dirige, que fornecem o pano de fundo para a compreensão de Apocalipse, que apenas duas delas estão sofrendo qualquer tipo de opressão e perseguição.

Os outros cinco estão basicamente tão enraizados e enredados no mundo romano que correm o risco de perder ou já perderam o seu testemunho. Portanto, o Apocalipse não é apenas literatura para os oprimidos e perseguidos, mas também tem como objetivo chocar aqueles que estão se comprometendo com o domínio romano e o sistema religioso romano. Portanto, é preciso compreender o Apocalipse à luz do seu contexto histórico e cultural como uma resposta a isso.

Assim como se entenderia qualquer uma das cartas de Paulo como uma resposta específica a problemas bastante específicos. Terceiro, outro princípio que surge de algumas coisas que o próprio João diz, mas especificamente do gênero literário do Apocalipse, é que qualquer interpretação que João não pudesse ter pretendido, ou que seus leitores não pudessem ter entendido, provavelmente será rejeitado.

Porque, antes de tudo, vimos que o Apocalipse é uma carta.

É redigido na forma de uma carta, o que significa que uma carta foi concebida para comunicar aos leitores informações que responderiam à sua situação específica. Portanto, como uma carta, presumivelmente, ela comunica informações que os leitores de João poderiam ter entendido e que João teria pretendido. Mais uma vez, ver o Apocalipse abordando as realidades tecnológicas do século XXI é tirá-lo das mãos dos leitores originais a quem foi destinado.

Curiosamente, o livro de Apocalipse termina no capítulo 22, com uma declaração interessante que novamente sugere que era para ser relevante para os primeiros leitores. E, começando no versículo 10, este é, bem no final do livro agora, um anjo se dirige a João, e algumas exortações finais sobre o que João deve fazer com o livro, e como o leitor deve responder, como deve ser lido e respondido. Versículo 10: Agora, curiosamente, isso é exatamente o oposto do que foi dito a Daniel para fazer.

Disseram-lhe para selar sua profecia, porque seria para um momento posterior. Agora, é dito a João para não selá-lo, porque o tempo está próximo. Ou seja, esses eventos já estão se cumprindo, ou prestes a se cumprirem.

Esta é uma mensagem para seus leitores. John não está escrevendo para alguma geração posterior. Ele está escrevendo um apocalipse, uma profecia, em forma de carta, que pretende abordar a situação de seus contemporâneos, de seus leitores.

Então, mais uma vez, para derrubar um equívoco comum, mais uma vez, fui ensinado que Apocalipse, basicamente, era um livro que estava agora sendo cumprido e se desenrolando, e poderia ser compreendido pelos leitores dos séculos XX e XXI. E isso os leitores do século I não teriam entendido, e João provavelmente não entendeu o que estava vendo. Novamente, isso deve ser virado de cabeça para baixo.

Os leitores e o autor do século I foram os que entenderam. Na verdade, somos nós que não entendemos. E temos que fazer o trabalho duro de tentar descobrir o que João estava comunicando aos leitores do século I que lutavam para viver suas vidas, no contexto da Roma imperial do século I.

Portanto, Apocalipse é um livro que não deve ser selado, mas é um livro para ser compreendido e lido, e para ser abordado e cumprido, no meio dos leitores do primeiro século. Portanto, quando ouço interpretações que equiparam certas partes do Apocalipse a chips de computador, ou à guerra termonuclear, ou à nação China, ou a qualquer outra pessoa, isso deve levantar questões e sinais de alerta em sua mente. E essas interpretações provavelmente deveriam ser rejeitadas.

E é interessante para mim que as pessoas que, estudantes que defendem a compreensão de todos os outros livros novos, de todos os outros livros do Novo Testamento, à luz do seu contexto histórico original, se recusem a seguir isso quando

se trata de interpretar o Apocalipse. Em vez disso, eles perguntam diretamente como o Apocalipse está aparentemente sendo elaborado e cumprido em nossos dias. Mais alguns princípios, número um, ou, desculpe, número quatro.

Portanto, o número um é interpretá-lo à luz do seu simbolismo, reconhecer que o Apocalipse se comunica simbolicamente. Segundo, interpretá-lo à luz do seu contexto histórico original. Número três, reconhecer qualquer interpretação que João nunca poderia ter pretendido, e que o seu público do século I nunca poderia ter entendido, provavelmente deve ser rejeitado.

A quarta é: simplesmente não perca de vista a floresta por causa das árvores. Ou seja, não fique tão preso aos detalhes a ponto de perder a mensagem principal do texto com o qual está lidando. Por exemplo, as sete taças nos capítulos 8 e 9, sinto muito, as sete trombetas nos capítulos 8 e 9, mas também as sete taças no capítulo 16 de Apocalipse.

Poderíamos especular sobre como exatamente essas pragas serão cumpridas, quando ocorrerão, a quais eventos poderão estar associadas. Alguém poderia ficar tão atolado nos detalhes que perderia o fato de que essas taças e trombetas, as pragas que estão associadas a elas, correspondem muito de perto às dez pragas do livro do Êxodo, pois Deus libertou os egípcios das mãos de Faraó e Egito. De modo que, ao ler o relato das sete trombetas e das sete taças, o ponto importante não é tanto exatamente como estas serão cumpridas e como serão.

Acho que é muito difícil para os intérpretes dos séculos XX e XXI dizerem de forma conclusiva. Mas em vez de perguntar o que exatamente foram essas coisas, ou como elas serão cumpridas, quando acontecerão, que eventos as cumprirão, é em vez disso observar que, da mesma forma, a mensagem parece ser da mesma forma que Deus julgou um nação má, ímpia e opressora e libertou seu povo disso no primeiro

Êxodo. Assim, num novo Êxodo, Deus julgará mais uma vez uma nação perversa e opressora e salvará e redimirá o seu povo da mesma forma que fez no primeiro Êxodo.

Mesmo que não consigamos descobrir exatamente como será isso e exatamente como essas pragas e esses julgamentos ocorrerão. Portanto, não perca a floresta ficando muito preocupado com as árvores. Sim, precisamos olhar para as árvores e tentar entendê-las, mas não perca toda a floresta que elas constituem.

Quinto, acho que mais do que em qualquer outro livro do Novo Testamento, um bom conselho seria usar bons comentários. Há uma série de comentários muito bons sobre o Apocalipse ou livros que não são apenas comentários, mas uma espécie de introdução a ele. Acho que um trabalho de Richard Baucom, *Teologia do Livro do Apocalipse*, publicado pela Cambridge University Press, é um dos melhores tratamentos de volume único do livro do Apocalipse que encontrei.

Um livro recente de Michael Gorman chamado *Reading Revelation Responsably* é uma introdução muito útil à leitura do livro e algumas das armadilhas a serem evitadas. Um comentário de nível médio de Robert Mounts no Novo Comentário Internacional do Novo Testamento ainda é um guia muito, muito útil e uma análise sensata do texto. Existem comentários mais avançados sobre Apocalipse que também são muito úteis, mas estas são orientações particularmente úteis em Apocalipse.

Então, com um livro como Apocalipse, acho que é preciso contar com bons comentários, outros que lutaram com o texto. O sexto princípio, penso eu, é que é necessária uma boa dose de humildade para ler o Apocalipse. Não há lugar para afirmações dogmáticas, não há lugar para a falta de vontade de ouvir ou para a atitude de que estou certo, mas em vez disso, dado o tipo de livro que o Apocalipse

é, dada a diversidade de maneiras como tem sido tratado, dadas algumas das dificuldades em entendendo isso, dentro da estrutura acima das sugestões que fiz, acho que qualquer interpretação precisa ser temperada com humildade.

Eu sei que deveria ter um sétimo em um livro como Apocalipse, não deveríamos terminar com seis, mas não termino, então terminarei com seis. Portanto, creio que a crítica de gênero é uma ferramenta importante e valiosa na interpretação. Mais uma vez, isso nos faz começar com o pé direito, não resolve todos os problemas, cada livro tem sua estrutura e forma de desenvolvimento únicas, mas a crítica de gênero serve para nos fazer começar com o pé direito, nos faz perguntar as perguntas certas do texto, e isso nos leva a esperar as informações corretas do texto, e não esperar que ele faça algo que não deveria fazer.

E particularmente porque o Novo Testamento e o Antigo Testamento são escritos em gêneros literários que podem ou não corresponder a qualquer coisa que temos, é necessário tentar entender que tipo de formas literárias e gêneros literários constituíram o Antigo e o Novo Testamento. e como isso influencia a maneira como interpretamos esses livros. Agora, com a crítica de gênero, fizemos perguntas muito amplas relacionadas a todos os livros, e como eles são organizados, e como o gênero do livro pode influenciar o tipo de perguntas que fazemos e como abordamos o livro para interpretá-lo. Agora, o que eu quero fazer é ser um pouco mais restrito e ver, nas próximas sessões, como podemos interpretar alguns dos detalhes do texto, e também falaremos mais sobre princípios que transcendem os diferentes tipos de gênero, embora alguns deles sejam aplicados de diferentes maneiras a diferentes tipos literários.

Mas o que quero fazer agora é falar um pouco sobre análise lexical e semântica do texto bíblico. Ou seja, agora queremos tratar de questões relacionadas ao próprio texto, à sua redação, à sua gramática, ao significado dos itens lexicais ou das palavras

que se encontram no texto bíblico. Como podemos entender isso? Como já mencionamos, os textos do Novo Testamento e do Antigo Testamento são escritos em línguas muito diferentes das nossas no mundo moderno, por isso devemos entender como entendemos o significado das palavras, como entendemos a gramática do texto, e quando tentamos compreender o significado das palavras, isso é o que os livros didáticos de hermenêutica ou de interpretação bíblica costumam chamar de estudos de palavras ou, para usar termos mais sofisticados, de análise lexical ou semântica.

E novamente, o problema é que, para a maioria de nós, especialmente falantes de inglês, mas falantes de outras línguas, é que a maioria das palavras em nossas traduções podem não necessariamente se alinhar ou se sobrepor ou corresponder em significado às palavras gregas ou hebraicas que elas usam. foi feito para transmitir. Ou seja, as palavras gregas ou hebraicas podem escapar à nossa compreensão, ou podem ser apenas captadas de forma imperfeita ou parcial nas nossas traduções, de modo que precisamos considerar o significado das palavras que encontramos no texto bíblico. Então, deixe-me fazer algumas observações relacionadas às palavras e aos significados das palavras, e então consideraremos como isso pode fazer diferença na maneira como fazemos análises lexicais ou estudos de palavras.

Em primeiro lugar, são palavras? Uma palavra é basicamente um símbolo que marca um campo de significado ou uma gama de significados. Ou seja, as palavras raramente têm apenas um significado. Se o fizessem, a linguagem se tornaria quase inutilizável.

Se você tivesse que ter uma palavra para cada significado, a linguagem se tornaria quase incontrolável. Então, normalmente uma palavra marca um campo de significado, ela pode significar mais de uma coisa. Mas em algumas raras ocasiões, as

palavras podem ter um único significado, mas geralmente as palavras têm uma gama de significados.

Para falantes de inglês, pense na palavra trunk. A palavra inglesa trunk pode se referir à abertura da tromba de um elefante. Pode referir-se à parte inferior de uma árvore, ao tronco de uma árvore.

Pode se referir ao compartimento traseiro de um carro. Os falantes de inglês chamariam isso de porta-malas do carro. Mas em inglês, trunk se refere ao compartimento traseiro de um carro, usado para armazenamento.

Pode referir-se a uma grande caixa que às vezes se coloca aos pés da cama. Um baú usado para guardar roupas ou outros itens ou algo parecido. Assim, mesmo a palavra inglesa trunk pode parecer ter uma marca ou uma gama de significados.

O que acontece geralmente é que o contexto funcionará para desambiguar o significado. Isto é, apontar apenas um desses significados. Muito raramente, exceto por um jogo de palavras ou ironia ou algo assim, muito raramente as palavras carregarão mais de um ou todos esses significados onde quer que sejam usadas.

Então quando uso a palavra tronco em uma frase, ela nunca traz todos esses significados ao mesmo tempo. Normalmente, o contexto indicará que estou restringindo-o a um deles. Portanto, se eu usar a palavra tronco no contexto em que estou falando sobre zoológico e animais, você provavelmente saberá exatamente o que significa tronco.

Uma parte de um elefante. Portanto, o contexto geralmente limita um desses significados. Limita a palavra a um desses significados em seu contexto.

Novamente, isso não pode significar todas essas coisas. Uma segunda coisa importante a entender é que as palavras mudam de significado com o tempo. Pode-se pensar em vários exemplos disso.

Um exemplo interessante vem da língua inglesa que teve diversas repercussões. A palavra gay em inglês, 30 anos atrás, 40, 50 anos atrás, usar a palavra gay equivaleria a chamar alguém de feliz ou alegre. Até mesmo uma de nossas canções de Natal, Don, We Now Are Gay Apparel, sugeriria alegria e felicidade, algo assim.

Considerando que agora, no inglês moderno, significa algo muito, muito diferente disso. Referindo-se à orientação sexual de alguém. Portanto, as palavras mudam com o tempo.

Às vezes as mudanças são pequenas, mas outras vezes, como no exemplo que acabei de dar, podem se tornar uma mudança bastante significativa que tem implicações muito significativas na forma como você usa essa palavra. Portanto, não podemos presumir que o que uma palavra significa num determinado momento corresponde ao que ela pode ter significado no passado ou como pode ter sido usada em outros momentos, porque as palavras mudam. Não o tempo todo, mas muitas vezes acontece.

As palavras mudam de significado. Parte da razão para isso é que o significado é arbitrário. Basicamente, exceto em alguns casos, a maioria das palavras significa simplesmente o que todos os usuários decidem que significará e como decidem usá-lo.

Por outras palavras, o que significa para um grupo de utilizadores de uma língua num determinado momento? Um terceiro princípio é que as palavras se relacionam com

outras palavras. Chamamos isso de sinônimos . O que é um sinônimo são duas palavras que se sobrepõem em significado.

Isso não significa que tenham significado completamente idêntico. Significa simplesmente que há alguma sobreposição. Às vezes, as palavras se sobrepõem em significados, como dois círculos que se cruzam, embora não completamente.

As palavras se sobrepõem em significado, embora ainda possam ter um significado que é exclusivo para elas. Outras vezes, as palavras podem se sobrepôr como hipônimos. Ou seja, uma palavra é a palavra mais ampla e outro termo é mais restrito.

Por exemplo, a palavra flor seria o termo mais amplo e um hipônimo poderia ser rosa. Uma rosa é um tipo de flor, mas é um hipônimo muito específico de flor. Portanto, há uma variedade de maneiras pelas quais as palavras podem se relacionar umas com as outras.

Mas, novamente, as palavras nem sempre são entidades isoladas. Às vezes eles se relacionam e se sobrepõem. Outro princípio é que as palavras não são os principais portadores de significado.

Compreender um texto é mais do que apenas compreender o significado das palavras e somá-las. As palavras não são os principais portadores e portadoras de significado, por mais importantes que sejam. Em vez disso, as palavras são combinadas para formar orações.

As cláusulas são combinadas para criar sentenças. As frases são combinadas para criar parágrafos. Os parágrafos são combinados para criar discursos inteiros.

Portanto, precisamos entender que as palavras não são as principais portadoras de significado. Sim, desempenham um papel importante, mas funcionam num contexto mais amplo. Também é importante compreender que a Bíblia foi escrita na língua comum da época, em hebraico e grego.

No passado, alguns, especialmente com o grego, pensavam, especialmente no século XIX e mesmo no início do século XX, que muitas vezes ouvíamos pessoas falando do grego em termos de ser uma língua especial, uma língua bíblica, uma língua . Um estudioso chamou-o muito cedo de linguagem do Espírito Santo. Isto é, o grego, especialmente, e às vezes até o hebraico, a língua da Bíblia, era uma língua especial, adequada e adaptada especificamente para comunicar a revelação de Deus.

Mas através de muita pesquisa, descobrimos que o Antigo e o Novo Testamento, comunicados em hebraico e grego, utilizavam a língua comum da época.

Especialmente muitas descobertas de papiros e outros artefatos literários do século I e por volta dessa época demonstraram que o grego do Novo Testamento é nada menos que a linguagem comum, comum e cotidiana das pessoas comuns do século I. É por isso que os estudiosos costumam se referir a ele como grego koiné .

Não é um tipo especial de grego ou um grego especializado, adequado para comunicar a revelação de Deus. Mas, em vez disso, Deus escolheu revelar-se a si mesmo e à sua palavra através da linguagem comum e cotidiana do povo. Portanto, quando nos referimos à inspiração da Bíblia, ao facto de ser inspirada, não devemos confundir isto com obrigar a linguagem a fazer algo que não fez.

Isto é, inspiração não significa que a língua hebraica ou grega tenha sido de alguma forma usada de maneira não natural, incomum ou especializada. Mas, novamente, os autores do Novo Testamento e do Antigo Testamento estão se comunicando na

linguagem comum e comum de sua época. Outro princípio é que o significado de uma palavra deve ser diferenciado de seu referente ou daquilo a que ela se refere.

Ou seja, se estou falando de um navio, e falando do Titanic e do naufrágio do Titanic em 1912, a palavra navio não significa Titanic. A palavra navio se referiria de forma muito simplista a algo como um barco muito grande. Posso estar me referindo ao Titanic, mas a palavra navio não significa Titanic.

Então, quando você olha para o texto bíblico, por exemplo, a palavra rei pode ser usada no texto do Antigo Testamento para se referir a Davi, mas a palavra rei não significa Rei Davi. Isso não significa um rei davídico. A palavra hebraica melech significa, ou poderíamos traduzir como rei ou governante, mas em certos contextos, pode se referir a um rei muito específico.

Portanto, é importante reconhecer que o que uma palavra significa é diferente daquilo a que ela pode estar se referindo na realidade. Então, com base nisso, vamos falar um pouco sobre o método de fazer um estudo de palavras. Como fazer um estudo de palavras ou uma análise lexical? Quero simplesmente resumir três etapas que a maioria dos intérpretes concorda que deveriam estar envolvidas na realização de um estudo de palavras ou análise lexical.

O primeiro passo é obviamente selecionar a palavra. Não é necessário, nem há tempo para fazer um estudo de cada palavra do texto que se está tratando.

Portanto, é importante selecionar palavras com base no fato de serem palavras problemáticas ou, por exemplo, há disputa sobre o que a palavra yom ou dia significa em Gênesis capítulo 1. Como entendemos isso? Ou talvez uma palavra seja rara, especialmente em hebraico.

Muitas palavras ocorrem apenas uma vez na Bíblia Hebraica, por isso é difícil sem uma série de usos que possam ser comparados na Bíblia ou mesmo fora dela. Às vezes isso pode ser um desafio. Então palavras que são raras ou ocorrem apenas uma vez, palavras que parecem significativas, ou seja, ocorrem com frequência no texto ou o autor parece basear seu argumento na palavra.

Algumas palavras que talvez sejam mais teológicas, palavras como nas cartas de Paulo, reconciliação ou justificação, ou no Antigo e Novo Testamento, a palavra aliança, palavras que parecem ter significado teológico para elas. Essas são as palavras que você selecionaria para fazer um estudo mais detalhado delas, obviamente além de como uma tradução em inglês as traduz. A segunda etapa, relacionada com algumas das coisas que dissemos sobre as palavras e o que elas são e o que fazem, a segunda etapa é determinar o campo do significado.

O que essa palavra poderia significar? Quais são as possibilidades? Qual é a gama de significado? O que essa palavra poderia significar tanto em palavras hebraicas quanto em palavras gregas? Quais são as possibilidades? Por exemplo, às vezes uma ferramenta como uma concordância pode ajudar simplesmente a observar como uma palavra é usada e a ver todos os exemplos e a notar como eles diferem e como diferentes autores parecem usar palavras, etc. ferramentas de estudo ou dicionários teológicos. Dois que são mais recentes e acessíveis aos leitores ingleses seriam uma ferramenta como o Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento, editado por Willem van Gemeren .

E então a contraparte do Novo Testamento, o Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, editado por Colin Brown, são duas obras acessíveis com base em palavras hebraicas e gregas. Eles não são exaustivos. Eles parecem concentrar-se no que consideram palavras teológicas significativas, como indicam os títulos dos dicionários.

Mas eles são acessíveis aos leitores de inglês e fornecerão muitas informações sobre como as palavras são usadas. Se você lê grego e hebraico, terá acesso a muitos outros léxicos e ferramentas que podem ajudar. Eu recomendaria evitar outros trabalhos.

Um muito comum era o Dicionário de Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine. Pode haver alguma informação valiosa aí, mas houve muitos avanços nos recursos que temos à nossa disposição, mas também atualizações em metodologias e princípios linguísticos que penso sugerirem que precisamos, se usarmos trabalhos mais antigos, fazer certifique-se de verificá-los com ferramentas de estudo de palavras mais recentes. Então, utilizar essas ferramentas para, novamente, tentar definir o que essa palavra poderia significar, quais são as possibilidades que estão disponíveis.

E então, terceiro, o terceiro passo é determinar, fora do alcance do significado e das possibilidades, o que é mais provável que o autor pretenda neste contexto.

Novamente, o contexto funciona para desambiguar o significado. Dentre todas as possibilidades, o contexto geralmente o restringirá a uma delas.

Fora do possível duplo sentido ou duplo sentido, ou talvez ambiguidade intencional, ou jogo de palavras, ironia, aqueles tipos de casos em que o autor muitas vezes pretende dois significados, fora disso, o contexto geralmente limitará as possibilidades a um significado. E é preciso perguntar, neste contexto, o que é mais provável que esta palavra transmita. Por exemplo, em João capítulo 3 e versículo 3, onde Jesus interage à noite com Nicodemos, você também encontra isso no versículo 8, eu acho, mas apenas lendo o capítulo 3 e versículo 3, Jesus começa uma discussão com Nicodemos, e Nicodemos pergunta ele, um dos fariseus, Rabi, sabemos que

você é um mestre que veio de Deus, pois ninguém poderia realizar os sinais milagrosos que você está fazendo se Deus não estivesse com ele.

E agora Jesus responde no versículo 3, eu te digo a verdade, ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Algumas traduções, eu acho, têm, a menos que ele nasça de cima. Essa é uma palavra grega que pode significar acima ou novamente.

E a questão é: isso é apenas uma ambiguidade que não podemos ter certeza de qual deles João pretendia, ou pelo menos deveríamos tentar descobrir qual deles João pretendia, ou poderia ser este um exemplo de algo que fazemos às vezes veja no quarto evangelho, e esse é o autor usando palavras que intencionalmente têm um duplo significado, de modo que na verdade esta palavra provavelmente indica ambos. É possível que Jesus esteja dizendo, João, ao registrar as palavras de Jesus, está dizendo que ninguém pode ver o reino de Deus a menos que ambos nasçam de novo, e este nascimento deveria ser do alto, muito diferente do nascimento físico que Nicodemos parece continuar e quer discutir a seguir. Novamente, queremos confiar também nas duas ferramentas das quais acabamos de falar, o Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento e o Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, mas também os comentários são um bom lugar para encontrar ajudar na realização de estudos de palavras também.

Ao discutir estudos de palavras e análise lexical, às vezes é importante discutir o que não fazer e o que evitar, e vários trabalhos resumem uma variedade de falácias ou uma variedade de coisas a evitar, e não pretendo repetir tudo isso, mas quero simplesmente destacar e resumir algumas coisas que devem ser evitadas ao fazer estudos de palavras, e a razão pela qual acho que isso é necessário é porque a maioria dos estudantes da Bíblia acha mais fácil e talvez tenha mais ferramentas à

sua disposição para fazer estudos de palavras, e frequentemente você encontrará alunos parando por aí e não indo muito além de fazer comentários sobre o significado das palavras, então provavelmente é mais fácil cometer alguns desses erros, então vou resumir apenas alguns deles. A primeira é não ser influenciado ou excessivamente influenciado pela história ou etimologia de uma palavra. Os estudiosos chamam isso de falácia etimológica, e o que isso significa é simplesmente colocar muito peso no que uma palavra significou historicamente, ou na origem dessa palavra, como se de alguma forma isso tivesse uma influência ou uma influência sobre o que ela significa em um momento diferente. período.

Agora pode ser esse o caso. Às vezes, uma palavra pode não ter se desviado muito de seu significado original, ou o autor pode talvez pretender usá-la de uma forma que reflita seu significado original, mas, novamente, no final das contas, o que é importante para entender o significado de uma palavra é não o que significou historicamente no passado, ou em sua origem, mas o que significa no momento em que está sendo usado. O que isso significa para o autor e para os leitores que o utilizam em um determinado momento? Portanto, esteja ciente, especialmente em sua própria leitura e confiando em outras obras, esteja ciente de afirmações como o significado da raiz desta palavra hebraica, o que pode não estar errado, mas se for usado de forma a sugerir de alguma forma que esta é o que significa, portanto, neste momento, é cometer esta falácia raiz ou etimológica.

Novamente, você pensa sobre isso: a maioria dos falantes de línguas nem mesmo sabe o que as palavras significavam no passado, ou de onde elas vieram. Eles só sabem e se interessam pelo que querem dizer e como se comunicam hoje. Então, como os usuários do idioma o utilizam em um determinado momento? Os estudiosos também chamam isso de abordagem sincrônica, em oposição a abordagem diacrônica.

Uma abordagem diacrônica está interessada na história da palavra, o que é útil e interessante, mas uma abordagem sincrônica centra-se no significado de uma palavra num determinado momento, na história. E assim a maioria dos linguistas concordaria que a sincronia, olhando para o significado de uma palavra num determinado período de tempo com o qual se está a lidar, deve ter prioridade sobre a diacronia, o que essa palavra significou historicamente. Um exemplo do Novo Testamento ao qual você frequentemente se refere, e outros chamaram a atenção para isso, é a palavra ekklesia para igreja.

Ekklesia para igreja vem de duas palavras, uma preposição ek, que significa de ou fora de, e klesia, a forma substantiva de um verbo que significa chamar. E assim a implicação é geralmente vista como a igreja é um grupo daqueles que são chamados a sair da sua cultura e da sua localização para serem testemunhas de Jesus Cristo. A igreja é um grupo de chamados e separados.

E por mais que isso possa ser verdade, pelo menos na época do Novo Testamento, essa palavra parece ter significado simplesmente uma assembleia, e poderia ser usada para se referir a diferentes tipos de assembleias, mesmo não religiosas, no mundo greco-romano. Portanto, insistir que significa chamados, porque pode ter significado isso originalmente, ou essas podem ser as partes constituintes da palavra, parece enfatizar demais a raiz, ou a história da palavra, sobre o que a palavra significava durante o época em que os autores do Novo Testamento estavam escrevendo. Portanto, não dê muita importância à história da palavra.

Não que isso não seja importante, ou que uma palavra nunca possa significar o que significou historicamente, mas, novamente, a prioridade tem que ser: o que esta palavra significa neste determinado momento, no seu contexto? E esteja ciente de trabalhos que enfatizam demais o significado da raiz, especialmente trabalhos de nível mais popular que muitas vezes dizem algo como o significado da raiz desta

palavra, ou esta palavra vem de uma palavra que significava isso originalmente, quando eles usam isso para determinar o que significa em um determinado contexto. A segunda é: não sobrecarregue uma palavra com muito significado. Costumo me referir a isso como o método do caminhão basculante, ou seja, você pega tudo o que uma palavra pode significar, baseia-se no uso de uma palavra em um contexto e despeja tudo ali.

Novamente, isso é particularmente abusado em um nível mais popular. Mas, como já vimos, sempre que uma palavra ocorre num texto, não significa necessariamente, e geralmente não significa, tudo o que poderia significar. Você não descarta tudo o que a palavra tronco pode significar toda vez que aparece em um texto.

Em vez disso, como vimos, o contexto serve para eliminar a ambiguidade do significado e funciona geralmente para limitar esse significado a uma das coisas específicas que poderia significar, fora do alcance do significado. Portanto, pegar tudo o que uma palavra pode significar, seu alcance ou campo de significado, e despejá-lo no significado de uma palavra em qualquer lugar, é cometer o que chamo de sobrecarga semântica. Sobrecarregar uma palavra com tudo o que ela pode significar.

Uma última questão nesta sessão, e na próxima discutiremos mais algumas e faremos algumas outras observações sobre estudos de palavras, é não confundir uma palavra com um conceito teológico encontrado no texto. Geralmente, os conceitos e significados teológicos são encontrados no contexto mais amplo, e não apenas, ou não, nas palavras que frequentemente estão associadas a eles. Em outras palavras, se eu vejo a palavra igreja num contexto, não tudo o que associamos à igreja, sua liderança, sua estrutura organizacional, presbíteros e diáconos, pastor, sua função no culto e na evangelização, tudo isso não é inerente ao palavra igreja, ou não deve ser descartada na palavra igreja.

Portanto, uma palavra deve ser distinguida do conceito teológico mais amplo ao qual ela pode estar se referindo. Ou, de outra forma, se eu quiser estudar o entendimento de Mateus sobre o reino de Deus e o ensino de Jesus sobre o reino de Deus, não me limitarei a onde quer que a palavra reino ocorra. Mateus ensina sobre o reino de Deus.

Jesus ensina sobre o seu reino, além do uso da palavra basileia , a palavra grega reino. Portanto, evite confundir o significado de uma palavra ou evite confundir uma palavra com os conceitos teológicos encontrados no contexto mais amplo e aos quais a palavra possa estar associada. Na próxima sessão, destacaremos apenas mais algumas falácias a serem evitadas e, em seguida, daremos um exemplo de como alguém pode fazer um estudo de palavras.

Veremos a palavra grega carne em Gálatas capítulo 5 e, muito brevemente, faremos uma análise lexical da carne em Gálatas 5, como isso pode parecer e como isso pode contribuir para a compreensão dessa passagem.